

O CHALET DO LUSO



Explicação:

Em fins de agosto 1886, o ministro das obras publicas reuniu em Luso um grupo de engenheiros, a quem tinha de dar instruções para estudos de caminhos de ferro, e alguns amigos particulares. Eramos do numero d'esses amigos; e a todos offerceu Emygdio Navarro o acolhimento hospitaleiro da sua casa de campo.

O desenho que hoje publicamos, é a reprodução fiel do desenho publicado na 1.ª pagina do nosso numero de 23 de setembro d'aquelle anno. Representa o chalet do Luso, já então construido, de que ninguem até ahí murmurára, e que anno e meio mais tarde veio a tornar-se famoso nas questões Hersent, por uma singular deducção de apreciações, e uma extravagante inversão de datas que só as paixões politicas podem engendrar.

Era de 23 de setembro de 1886 o nosso desenho, documento publico. O concurso para as obras do Porto de Lisboa abriu-se em fins de dezembro d'esse anno, a adjudicação fez-se em abril de 1887, e a portaria dos lueros fabulosos do empreiteiro, e de agosto do mesmo anno! Não é uma bella e honrada coisa a politica partidaria?

Quizemos protestar logo, e trazer o nosso testemunho, quando vimos por tal motivo levantada uma guerra feroz, contra um homem que honradamente tem posto a sua incontestavel energia, e valiosissimos merecimentos ao serviço do desenvolvimento de algumas das forças mais vitaes do paiz.

A critica perdera os seus direitos de critica se não fór egualmente justa para castigar os vicios e para corrigir as iniquidades manifestas. Mas Emygdio Navarro, invocando tudo quanto da sua amizade podia ser argumento para nós, prohibiu-nos que o fizéssemos para que ninguem pudesse attribuir a motivos interesseiros, o que era um desaggravo, solicitado só pela nossa consciencia.

Hoje, porém, que a questão foi julgada no parlamento, e como um triumpho para o ministro tão injustamente agredido, cessaram essas nobilissimas razões de melindre.

Pomos em frente do nosso desenho de setembro de 1886 o nosso desenho de maio de 1888. De permeio, ponha a opinião publica os artigos da imprensa do fim do anno passado e principios d'este anno, e que tire a moralidade do caso. Não é Emygdio Navarro que terá a soffrer com esse julgamento.

Por ahi...



Se estamos bem lembrados, foi do rei do bacalhau que nos o occupámos a semana passada n'esta mesma chronica.

Pois esta semana será ainda o mesmo rei do mesmo bacalhau que occupará esta mesma chronica.

O leitor que tenha paciencia de lhe darmos assim bacalhau duas semanas a fio, mas isto é uma vez na vida, ao passo que

a quaresma lhe dá todos os annos sete semanas seguidas de bacalhau sem que o leitor solte um queixume.



Segundo referem as folhas, o rei do bacalhau está muito agradavelmente impressionado pelo modo affabilissimo com que o povo de Lisboa lhe tem patenteado a sua sympathia, correndo pressurosa a saltos de gafanhoto e largando por mão todos os affazeres sempre que lhe cheira a bacalhau e presente que o monarcha vac passar na sua carruagem.

Como seria triste a desillusão do pobre rei do bacalhau se elle soubesse que esse mesmo povo faz exactamente a mesma coisa na passagem do enterro do outro bacalhau!

Que desaire, que quinau,
Que desgosto enorme e justo
Ver-se o rei do bacalhau
Co' um rival no Zé Augusto!



Custou quinze contos de réis o fogo de arteificio mandado vir de Londres para queimar em honra do rei do bacalhau.

A' hora a que escrevemos consta-nos que todas essas bichinhas de rabear, mais ou menos phantasiosas, que já estarão reduzidas a cisco quando o leitor ler estas linhas, foram dispostas de maneira que o povo, de cuja algibeira ellas saíram, só poderá vel-as de longe, por um oculo ou então no Tejo, a nado, ou pagando mais tres mil reis pelo aluguer d'um bate.

Ao principio indignamo-nos com este caso de obrigarem o povo a pagar um fogo de que nem ao menos gosará o cheiro, mas depois, reflectindo melhor, reconhecemos que fóra até uma medida acertadissima dispor as coisas de maneira que o povo não pudesse depois berrar que tinha visto o seu dinheiro a arder...



Quinze contos de réis por um fogo de arteificio!

Veja-se por aqui o grau de superioridade que o arteificio tem adquirido sobre as coisas naturaes!

Quanto mais bella de que o fogo no Aterro não é uma d'essas trovoadas de maio que nós quasi todos as noites observamos da alameda de S. Pedro d'Alcantara!

Ora digam-nos se James Pain e Brocks já ousaram competir com Jehovah n'um fogo de tanta magestade e de mais a mais sem custar vintem...

E, entretanto, a humanidade prefere o arteificio ao real, e, o que é mais, paga o arteificio por bom preço, não dando pelo real nem um real!



As rosas naturaes, por exemplo, as bellas rosas que nos encantam a vista e delicias o olphato, custam apenas um pataco e quantas vezes murcham na vitrine do florista a falta de comprador... E a par d'isso, as rosas artificiaes feitas d'um bocado de trapo e d'uma pincelada de carmim, vendem-se a libra nos magasins de modas e são cubicosamente disputadas pelos chapeus de trezentas senhoras elegantes!

Na rua, o mendigo que nos relata as suas desventuras, choradas com lagrimas verdadeiras, difficilmente nós apanha por essas lagrimas um olhar de compaixão, acompanhado d'uns cinco réis muito espremidos.

E no theatro pagamos tres mil réis d'um camarote, e commovemo-nos até os tutanos d'alma por umas lagrimas fingidas que chora uma ingenua tambem fingida!

Em casa, leitor amigo, tens tu talvez a companhia dos teus dias, uma perfeita mulheraca, a quem não falta nem um dos requisitos do estylo—de que tu aliás não fazes caso.



E' comtudo, quantas noites terás perdido, quantas figurinhas terás feito, quantas lezenas de mil réis terás esportulado por uma fusia qualquer de requisitos artificiaes, desde o sciô de almofadinha até o turnure do mesmo metal!

Na nossa opinião, tudo o que se tem feito para festejar sua magestade o rei do bacalhau constitue uma refinadissima asneira.

Com insignificante dispendio se lhe haviam feito outros festejos que muito mais lhe agradariam, por isso que muito mais o lisongeavam.

Na sua qualidade de monarcha da Suecia e rei do bacalhau, parece-nos que lhe seria muito mais agradavel o seguinte programma de festejos:

1.º—Hospedalo na casa dos bicos, á rua dos Bacalhoeiros.



2.º—Convidal-o para assistir ao enterro do bacalhau.



3.º—Apresentar-lhe Zé Povinho, que, de magro, está um verdadeiro bacalhan... albardado.



4.º—Fazel-o visitar a fabrica nacional, onde se falsificam os phosphorus amorphos Sakerhets-tandstickor.
5.º—Proporcionar-lhe ensejo para dançar a sueca.



6.º—Convidal-o para assistir a uma partida de bisca sueca em familia.

7.º—Facultar-lhe uma entrevista amorosa com aquella conhecida dama sueca que em logar de ter um gato e debaixo da cama o ter, tem um cãozinho felpudo que em cima da cama dorme com ella.



Bastava este ultimo numero para o rei do bacalhan regosijar—como quem se sente no seu elemento...



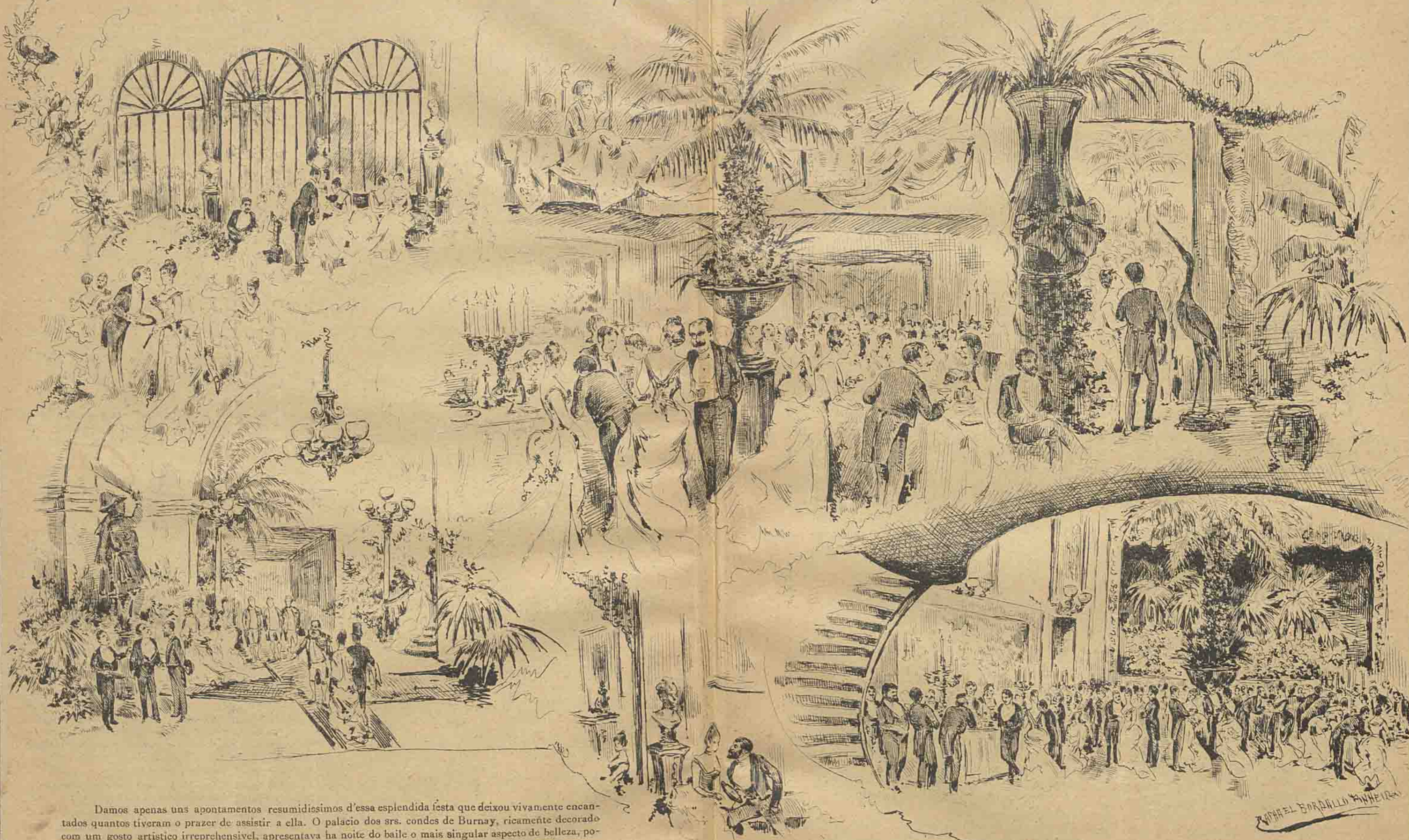
As loterias

O *Reporter*, com a ingenuidade d'um bebé que ainda não come pão com côlea mas que já tem o dentinho aguçado para ferrar a sua mordedella, deu ha dias publicidade ás impressões que lhe communicara *uma leitora*, sobre as tenebrosas emboscadas que se estão tramando contra a Sante Casa da Misericordia!

A primeira d'essas emboscadas, segundo conta o *Reporter*, consiste no seguinte: um cambista mandou comprar grande porção de bilhetes á Santa Casa, para os vender por preço inferior ao que a Santa Casa estabelece, do que resultará, segundo o criterio da *leitora* do *Reporter* e o do proprio *Reporter*, ficar a Misericordia com bilhetes por vender!...

Isto é: até aqui a Santa Casa tinha freguezia sufficiente para vender as loterias por completo; havendo bilhetes mais baratos mette-se pelos olhos que essa freguezia augmenta, como succede sempre que ha barateamento de genero: logo—mette-se tambem pelos olhos ingenuos do *Reporter* mais da sua *leitora*—a Santa Casa fica com bilhetes por vender, porque não ha nada para transtornar o negocio d'uma casa, mesmo que seja santa, como augmentar-lhe a freguezia...

O baile no palacio dos srs. condes de Burnay



RAPHAEL BORDALLO ANHEIRA

Damos apenas uns apontamentos resumidísimos d'essa esplendida festa que deixou vivamente encantados quantos tiveram o prazer de assistir a ella. O palacio dos srs. condes de Burnay, ricamente decorado com um gosto artistico irreprehensivel, apresentava ha noite do baile o mais singular aspecto de belleza, povoado por centenas de convidados, alegremente expansivos, d'essa jovialidade que vem do bem-estar.

Pertencendo ao numero d'esses convidados, aqui deixamos a ss. ex.^{as} o nosso cartão de agradecimento pelo obsequioso convite para essa festa, que nos proporcionou algumas horas de delicioso passatempo, no mais extremado dos convívios.

A segunda emboçada a que o *Reporter* se refere consiste n'uma proposta recentemente feita ao governo e na qual se garante á Santa Casa o rendimento máximo das loterias, com mais uns pósinhos de vinte ou trinta por cento para os alfinetes da mesma Santa Casa.

Quanto a esta emboçada achamol-a effectivamente tenebrosa.

Se a *leitura* do *Reporter* quizer fazer-nos a *emboçada* de nos garantir os nossos vencimentos, com um contrapeso de vinte por cento, nós até lhe damos licença para se *emboçar* traiçoeiramente debaixo da nossa cama — correndo-lhe os riscos d'um *qui-pro-quo*, lá pelo adiantado da noite velha...



Politica em bolandas



Ha muito tempo que não havia na camara dos deputados uma sessão de encher o olho — com perdão da camara dos pares, da qual é membro o sr. marquez de Vallada...

Com o calor dos ultimos dias os srs.

deputados andavam abananados e, apesar da importancia de algumas recentes discussões, a palestra corria morna como um copo d'agua do contador.

A campanha do presidente havia já que mezes se não agitava chamando á ordem, e o badalo de s. ex.* (s. ex.* refere-se á campanha e não ao presidente) e o badalo de s. ex.* já estava com saudades de soar, saudades aggravadas pelo ciume que lhe causavam diversas carecas, as quaes não se fartavam de *suar* á força de calor.

E as carteiras dos srs. deputados, saudosas igualmente de murraça e ponta-pé, lastimavam-se da indiferença de seus donos, como aquella mulher que se lastimava do desapego do marido, que passára uma semana sem lhe bater, coisa que ainda lhe não acontecera em toda a vida, a contar do dia do casamento.

Estavam as cousas n'este pé, quando na sessão de terça-feira rebentou o ponta-pé.

O incidente veio surprehender-nos tanto mais quanto é certo que o motivo que o provocou foi a discussão d'um d'aquelles projecticulos que é uso todas os dias passarem no parlamento com a frequencia das formigas acarretando grãos de trigo de uma cira para o interior da sua colónia.

Demais, o projecticulo em questão, até sympathico em seus fins, era da iniciativa do sr. ministro da marinha e nada portanto justificava que a camara accordasse do seu marasmo habitual provocada pelo sr. Henrique de Macedo.

A camara accordada por um sonambulo, chegava a ser o cumulo da insomnia!

Diligenciámos descortinar o verdadeiro motivo d'aquelle tumulto parlamentar e conseguimol-o a muito custo.

O chinfrim tinha de dar-se fatalmente, porque ia já na algibeira dos srs. deputados.

Correra a noticia de que, n'aquella sessão, seria votado o estabelecimento das sessões nocturnas até final da presente legislatura. Os srs. deputados pularam com a ideia. A noite pula-lhes sempre o pé para verem a Dorina no *Colyseu* ou a Dorinda na *Avenida* e não admira por isso que pulassem com a ideia das sessões nocturnas.

Corria como certo que o governo embirrara os pés á parede exigindo sessões nocturnas.

O sr. José Luciano, que é a *sentinella vigilante* do governo, de dia, queria tambem ser de noite a *sentinella vigilante* do mesmo.

Não se contentava com o mister de cabo de policia: queria tambem a occupação de guarda nocturno. E, segundo se dizia, já havia algumas noites que o sr. presidente do conselho ensaiava em casa as funcções do seu novo cargo, passeiando de chinellas e rob de chambre em frente do espelho grande da sala, e agitando a meudo o mólho de chaves de todos os bahus caseiros.

Pessoas muito intimas do sr. José Luciano, d'aquellas a quem é dada a indizível honra e o não menor prazer de preserutarem miudamente os particulares de s. ex.*, asseguravam até terem já visto no respeitavel umbigo do dignissimo conselheiro a proverbial lanterna furta-fogo inherente ao cargo de guarda nocturno na freguezia.

Portanto, o sr. José Luciano queria por uma força ser *sentinella vigilante* de dia e de noite e as sessões nocturnas estavam eminentes.

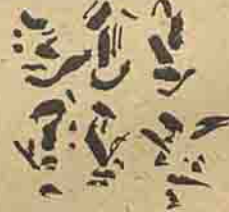
E aqui está a razão porque os senhores deputades foram para a sessão de terça feira cada um d'elles prevenido com o seu chinfrim na algibeira da sobrecasaca.



Mas o tempo ia passando, e o projecto das sessões nocturnas sem apparecer e o chinfrim a sentir-se com o calor, dentro da algibeira. Mais algum tempo de demora, mais alguns graus de calor, e o chinfrim dessorava-se-lhes na algibeira como leite que está fazendo requeijão...

Ainda se estivessemos no inverno, e chinfrim podia muito bem guardar-se para o dia seguinte sem perigo de azedar; mas agora, com estes calores de trovoadas, era material e culinariamente impossivel.

Porque, já dizia Confucio:



Cuja traducção é a seguinte:

«O chinfrim é como as ervilhas guisadas; guardado em tempo de calor azeda d'um dia para o outro, a menos que se não deixe ao ar, em tacho vidrado e coberto com uma rede de arame.»

Ora os srs. deputados não tinham alli á mão nenhum tacho, e muito menos vidrado, portanto o chinfrim de que elles se haviam prevenido ia estragar-se se o não empregassem n'aquelle dia.

E aqui está porque o empregaram no projecticulo sem mais nem menos — exactamente como empregariam n'uma secretaria d'estado qualquer afilhado analfabeto.

San-Tarantula

© vinho do Gradil



Brazão, juntando aos fartos loiros d'arte
Os loiros do tonel e do funil,
Negocia por hi, em toda a parte,
O bom vinho da quinta do Gradil!



Assim, teremos Hamlet, de chinello,
Engarrafando vinhos a capricho,
E em casa, de manhã, o duro Othelo
Já não mata a Desdem na—mata o bicho...

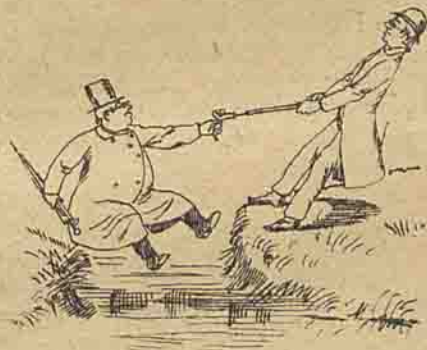
Um... dois... trez...



O gordo:—Isto é muito largo para saltar... hun!



O magro:—Qual largo! qual hun!... Um... dois!



O gordô:—Então dê cá uma ajuda... Um... dois... trez!...



Ambos —... E trez, quinze!...

AMPHIEL BORRILLO AMOR.

Do Fliegende Blätter.

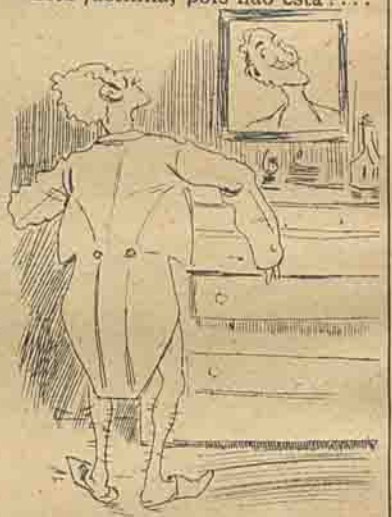
Calendario

—Que pechincha! Um convite para o baile dos marqueses de E... na noite de 22. Hoje é o dia 21, diz o calendario, portanto amanhã darei á perna nas valsas...



—O diabo é que a minha casaca já não me serve; a ultima vez que a vesti não me cabia lá senão meio corpo... E eu quero ir ao baile por inteiro...

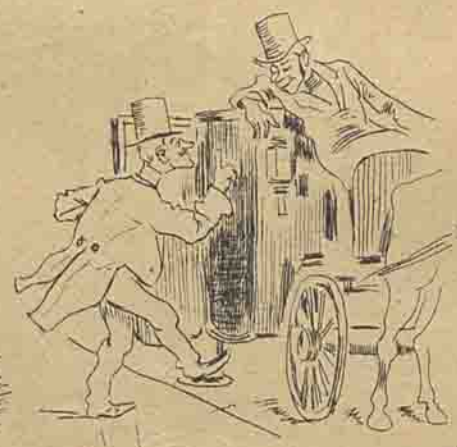
—Está justinha, pois não está?...



—Amanhã, que delirio: O retornello das valsas! o aroma das rosas! a espuma do champagne! o colo das mulheres!...

—Oh! despertar delicioso! A casaca do Esperidião que hontem mandei pedir emprestada. Bemdito gallego! eu te abenço!...

—Fica-me a matar...



—Travessa da Parrecirinha, palacio dos marqueses de E...

Manuel Bordallo Pinheiro

—O baile dos srs. marqueses foi hontem, 22... Hoje estamos a 23...

—Está um bocadinho folgada, mas como eu vou para folgar, não é muito que a casaca também folgue...

—Então foi a besta do gallego que se esqueceu hontem de me tirar a folha do calendario! Maldito gallego! eu te amaldição!...